

Sua ex.º Antonio de tomar, inquisilou com o coroscante pela proposta que fez para que não houvesse resposta ao discurso da abertura. S. ex. lembra-se que na resposta ao discurso é que appareceu a historia do célebre caleche, que tanta celebridade deu a S. ex. Mas como a noticia que teve do mano Ze estar, desde ha pouco tempo, mais frequentado e visitado por grande numero de seus amigos, isto o consolou, e faz com que passe sem novidade em sua importante e desejada saude.



to negro dos regeneradores

Saiba Deos e todo o mundo
Que o rei Bamba é exquisitesito!

Dizia Semiramis quando estava de má catadura com Nino, seu esposo.

Saibam os assignantes do *Burlesco*
Que os seus redactores não são p'ra graças!

Dizemos nós hoje, 19 de Janeiro, do anno de 1853, anno que nem é civil, nem economico! Não é civil, porque debaixo da sua influencia se comettem *incivilidades*..... Não é economico, por que não vemos senão 700\$000 para este, 800\$000 para outro, 1:200\$000 para mais dois, 1:600\$ para mais tres, 500\$000 para um que esqueceu, etc. etc. etc., mas para fazer contrapeso a esta innocente liberalidade, dá cá 3, 2, e 1 por cento, e fica com o resto para os teus alfinetes, e contenta-te por que tens seda e velludo barato para te vestires, laranjas de graça no rio d'Alcantara para jantares, caminhos de ferro para ires

em dois segundos a Santarem, obras publicas em todos os cantinhos do reino, e o «Mundo as avessas» no theatro da rua dos Condes!!

Porém insensivelmente nos iamos affastando do nosso negocio; tratemos da caricatura. Ah! está uma *carapuça*! E' cousa bem simples e innocente!

Uma carapuça é um canudo pont-agudo, feito de saragoça ou outra qualquer fazenda, e que ordinariamente assenta perfeitamente na cabeça para quem é talhada, e quando por acaso é feita sem medida, só póde usar della a pessoa sem quem servir bem!

Se apparecesse um cidadão em qualquer parte, e dissesse — aqui está uma carapuça, e «em quem servir a carapuça, que a ponha» se todo o auditorio tivesse cabeça de alcatrão ou de alfinete, retiravam-se todos, e o sujeito ficava com a carapuça; mas se entre elles apparecesse alguma, ou algumas de formato ordinario, por seu interesse devia acceitar a offerta, porque o frio já reina, e é conveniente trazer a moleirinha agasalhada.

Por consequencia, os redactores do *Burlesco* mandaram fazer a carapuça, em questão, e como são pessoas de muito respeito, não estão resolvidos a annunciarem a dadia; nesse caso mandaram a lithographar primorosamente, e quem a quizer, quem gostar della, quem lhe ficar bem, finalmente A QUEM SERVIR, use-a, mas com a differença que hade dar 30 rs. pelo *BURLESCO*, tem a vantagem de ler os artigos de instrucção e recreio, que inclusos vão, e depois faça delle uma carapuça, se quizer, por que é seu, e está no seu direito, e até talvez pegue a moda, com grande utilidade dos Redactores, que venderão mais numeros, e dos senhores consumidores que obterão d'esta forma um ornamento de novo gosto, e por um preço com que modista alguma de Lisboa e seu termo é capaz de competir.

Ahi vai pois a carapuça, e em quem não servir, compre sempre o *Burlesco*, junte-o á collecção para depois mandar encadernar, e se quizer carapuça mande-a fazer ou compre-a no Chiado, onde as ha muito bonitas, mas com a desvantagem de não ser possivel obterem-se por 30 rs., como a presente, que além da commodidade e barateza, é

UMA CARAPUÇA HISTORICA.

Vossê conhece o Rodrigo?
— Dom Rodrigo se o conhece?
E' joia de muito preço
(Canta o mestre) assim lho digo!
— Oh! maroto! E' meu amigo!
O mestre — Viva mil annos
Livres de perigos e damnos

Mas este caso da tomba
E' de ter-lhe baixa a tromba

Oh lingua que tal disseste!
Arma-se uma trapalhada!
Ora não lhe conto nada
Não vi caso igual a este!
Mas aquelle novo Alceste
Manso mais que a mansa pomba
Mesmo zomba, e tal, não zomba
Esta grande acção venceu
Com que a Fama um grito ergueu
D'estampido, pum!! d'arromba!

Eu não vi, nem quero ver
Acto grande, e generoso
Sublime, raro, estrondoso
Que este possa mais vencer.
Porque mais não póde haver
Caso grande, ou raro evento
D'esbarrunto, d'espavento
D'estalada, que retumba
De fazer mais bumba, bumba
Que um trovão com fogos cento.
(D. Rodrigo, poema epico, canto 1.
est. 35, 36 e 37).

COMMUNICADO.



edimos ao senhor redactor do *Burlesco*, por sabermos que tem grande intimidade com a musa da economia, e bicha de sete cabeças contra os agiotas, a bondade de lhes lembrarem que não é só na rua do Ouro, e na dos Capellistas que se negocia neste ramo de commercio; estende-se até á travessa do Secretario de Guerra, e faz ponto á porta do Gymnasio Dramatico! O mercado onde se deve comprar a fazenda de que trato, que se reduz a uns quadrilongos de cartão com garatujas e letras, deve ser sómente no local estabelecido, deve-se comprar á janella, e evitarem-se os ambulantes.

A Praça da Figueira tem os seus logares destinados para a venda do peixe, e a camara prohibiu os cabazeiros que divagavam defronte.

Ora, como ha uma janella no logar em questão, para que se não de consentir os agiotas mercadejarem com o respeitavel? Quer tambem *alguem* uma carapuça? Se quer faz-se, já se sabe, por 30 réis, e é mais uma notabilidade para a revista de 1853.

As novidades logo que deixam de ser novidades, não provocam a curiosidade; e quem quizer saber a verdade, escusa comprar o papel, basta ir passear ao Rocio em noite de beneficio, onde os agiotas não estão de mão na ilhargá á espera, atacam os viajantes para lhes cravar na algaibeira

um punhal da superior: e o afflicto vian-
dante para o deixarem em paz, recebe a
estocada que lhe custa seis vintens, e vai
curar-se no banco, levar pontos de doende,
fios de operario, encerado d'homem de mau
genio, ligadura de pai de pequeno, e em
melhorando sahe da casa mysteriosa, e vai
para a familia pedir caldo d'arroz.

Este molestia póde tornar-se epidemica,
como já foi e dos peccados
mórtaes o 1.º é talvez um dos peores....

..... e o papellão dourado não
é sufficiente purgatorio para expiar este
peccado.

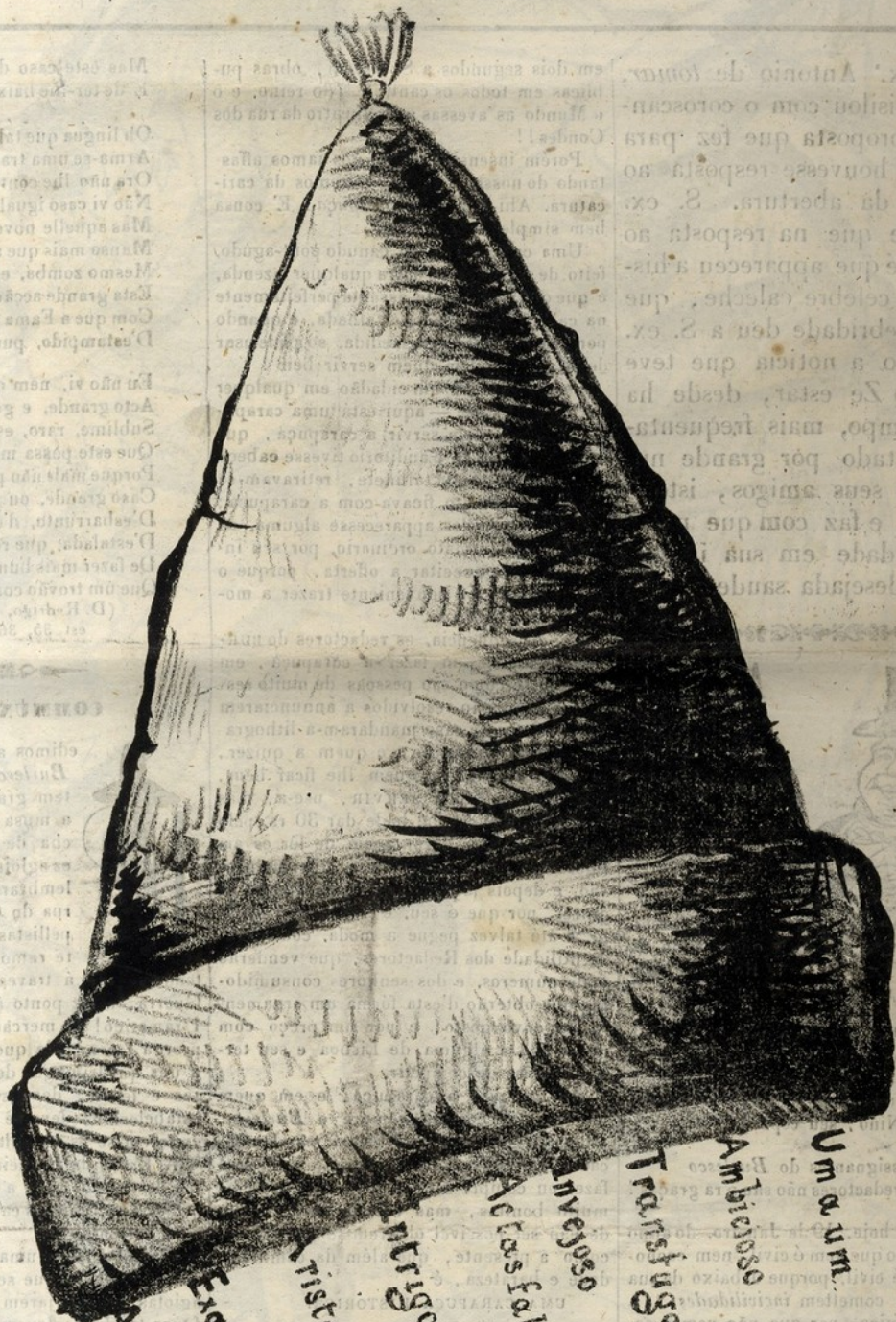
CONTINUAÇÃO DO DICCIONARIO DA LIN-
GUA PORTUGUEZA.

E.

ECONOMIA. — Subst. Arte de viver sem
comer, ou de comer que não chegue para

viver. A Economia era uma mulher alba-
neza, filha de Torquato Tasso, e de Rita
gallinheira do regedor da Victoria. Quando
jantava dava a colhér e o garfo ao gato
para lamber, e queria que se sustentasse
com esta fartura, porém como o gato miava
com fome, dizia elle admirado — olhem o
gato como mia! — Com o voar dos sectilos e
das regenerações foi mudando, até hoje se
chamar economia. Esta é a verdadeira ety-
mologia da palavra.

Officina de Manoel de Jesus Coelho — Rua do Poço dos Negros N.º 54.



QUEM LHE SERVIR A CARAPUÇA, QUE A PONHA!